Na Alemanha, a crise se aprofunda | Flávio Aguiar

14/11/2024

Os ingleses têm uma expressão original para descrever o momento em que uma situação negativa se agrava: "*the plot*", isto é, o enredo, "*thickens*", ou seja, engrossa, ou ainda, se complica. A melhor tradução é: "o caldo engrossa".



É o que está acontecendo na Alemanha. Na quarta-feira da semana passada, pela manhã um choque elétrico percorreu todo o continente, inclusive a Alemanha: Donald Trump foi eleito pela segunda vez presidente dos Estados Unidos. Os partidos e políticos de extrema direita exultaram. Os de centro e de esquerda ficaram em estado de choque.

À noite, um novo choque elétrico se espalhou: o chanceler Olaf Scholz, do Partido Social Democrata (SPD, na sigla alemã), demitiu o ministro das Finanças, Christian Lindner, do FDP (*Freie Democratische Partei*, usualmente traduzido por Partido Democrático Liberal).

Em consequência, a coalizão que formava o governo, chamada de "Semáforo", devido às cores representativas dos partidos, se desfez. Aquelas cores eram o vermelho (SPD), o amarelo (FDP) e o verde, da Aliança 90/Verdes.

Desde o começo, em 2021, quando Olaf Scholz tornou-se o chanceler, a coalizão foi descrita como "instável". Com três partidos, ela reunia dois descritos na mídia do país, como de "centro-esquerda", o SPD e os Verdes, e um de "centro-direita", o FDP.

No plano dos direitos humanos ou da política externa não havia grandes divergências entre eles, mas no econômico e administrativo, sim. O SPD e os Verdes queriam investimentos públicos, e Christian Lindner se opunha.

A partir de 2022 a economia alemã entrou em queda livre. A adesão do governo de Berlim às sanções econômicas contra a Rússia e ao apoio militar e financeiro à Ucrânia provocaram de imediato a suspensão do fornecimento de gás por parte da Gazprom, a estatal russa. E o gás russo era vital para a indústria alemã.

Ao mesmo tempo, a guerra na Ucrânia provocou o aumento de preço dos insumos e de produtos agrícolas que vinham daquele país (e em menor escala da Rússia), como fertilizantes e o óleo de girassol.

Resultado: inflação subindo, sobretudo no custo da energia e dos alimentos, com reflexos na habitação e na saúde, fechamento de indústrias, o consequente aumento das taxas de desemprego, sobretudo entre os jovens, queda no consumo interno e nas importações e exportações.

Efeito imediato: a popularidade do governo despencou. Em sucessivas eleições regionais, SPD, Verdes e o FDP começaram a se sair muito mal.

Com as eleições federais previstas para o ano que vem, as oposições de direita começaram a crescer nas intenções de voto. Hoje a União Democrata Cristã (CDU) ocupa o primeiro lugar. O AfD, (de *Alternative für Deutschland*, Alternativa para a Alemanha), de extrema direita, ultrapassou o SPD e está em segundo.

Uma desavença interna roeu as entranhas da coalizão governamental. O SPD e os Verdes desejavam aumentar os investimentos públicos para socorrer a indústria e a agricultura. O FDP bloqueava a iniciativa, aferrando-se ao princípio da austeridade fiscal.

Afinal, na noite de quarta-feira passada o enredo e o caldo engrossaram e a corda rompeu-se. Olaf Scholz acusou Christian Lindner de trair a sua confiança, e demitiu-o. Lindner saiu atirando: disse que Scholz levara o país à incerteza.

Dois dos outros três ministros do governo que são do FDP se demitiram. O dos Transportes preferiu sair do partido e ficar no governo. Resultado: um ar de Titanic se espalhou pelo governo e pelo país, num momento em que o iceberg Donald Trump aparecia no horizonte.

A Alemanha está com um governo fraco, minoritário, e com uma economia à deriva, beirando o naufrágio.

Olaf Scholz anunciou a realização de um voto de confiança no Bundestag, o Parlamento Federal, para janeiro de 2025, com a possível antecipação das eleições para março. A CDU e o AfD querem que tudo aconteça ainda antes.

A Comissão Eleitoral do país alertou que a preparação do pleito exige tempo, e que o Natal está logo ali, paralisando o país por duas semanas, pelo menos.

Em resumo, o caldo engrossou mesmo, e ninguém sabe quando a Alemanha sairá do buraco em que se meteu.

Flávio Aguiar *é jornalista e escritor, é professor aposentado de literatura brasileira na USP.*

Compartilhe nas redes: